

# As Representações Sociais de Professores de Matemática sobre o Livro Didático

Edna Matilde dos Santos<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Maria Leite Cruz<sup>2</sup>

## RESUMO

Propõe-se uma pesquisa qualitativa sobre as Representações Sociais do Livro Didático por professores de matemática, que lecionam na Educação Básica, no campo da Psicologia Social, a luz da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961), reconhecida como conhecimento prático, conhecimento de senso comum, em que se forma, veicula e compartilha conceitos, imagens e representações de objetos que refletem os fatos e refletem-se nas ações, no âmbito de suas funções e interesses de um grupo. Objetivando identificar as relações e influências destas representações nas práticas pedagógicas, bem como suas implicações no ensino e na aprendizagem da matemática. Utilizando como métodos para coleta de dados o questionário de associação livre e a entrevista semi-estruturada, e para a análise dos dados a análise de conteúdo proposta por Bardin (1988). Contribuindo com as pesquisas no campo da educação matemática, para que os resultados sirvam de auxílio para reflexão e um melhor aproveitamento da prática docente.

Palavras-chave: Representações Sociais, Livro didático, Professor de matemática, ensino/aprendizagem de matemática

## 1. INTRODUÇÃO

O meu interesse pela matemática vem desde as séries iniciais do ensino fundamental, pois minhas professoras das séries iniciais focavam muito o ensino desta disciplina. Encantada pela matemática, na sala de aula sempre sentava na frente, e geralmente aprendia os conteúdos primeiro, para em seguida tentar auxiliar a aprendizagem de meus colegas de turma.

Tinha um professor de matemática, o Zezé (era assim que o chamávamos) que me ensinou da 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do Ensino fundamental, hoje 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano, que falava sempre que eu iria tomar o seu lugar de professor de matemática. Naquela época para ele era apenas uma brincadeira, mas aquela frase viria se tornar realidade, não o fato de tomar seu lugar, mas o fato de no futuro ser uma “*professora de matemática*”.

Minha história com a educação começou há muito tempo, quando eu ainda nem

---

1 – Mestranda do programa de Pós-Graduação da UFPE: [ednamatilde@bol.com.br](mailto:ednamatilde@bol.com.br)

2- Professora do programa de Pós-Graduação da UFPE: [fatimacruz@yahoo.com](mailto:fatimacruz@yahoo.com)  
sonhava entrar na faculdade. Venho de uma família de professores, minha mãe uma professora leiga (hoje aposentada), ensinou durante trinta (30) anos, em séries iniciais do ensino fundamental, em uma escola da zona rural do município de Glória do Goitá, PE. Ela me preparou para a vida ensinando-me os valores morais e também o gosto pela sala de aula, pelo ensino, pelo prazer de ajudar outras pessoas a adquirirem conhecimento, a se desenvolverem como pessoas críticas e participantes na sociedade.

Desde muito cedo, aos 16 anos, eu a substituí (quando ela precisava ir ao médico, ou quando não estava bem de saúde). E foi a partir daí que comecei a sentir gosto pelo ensino, pela educação. E desde então decidi minha profissão, definitivamente, seria “professora”.

Fiz o curso de nível médio Magistério, hoje chamado de Normal Médio, concluí em 1999, na escola professor Estadual Professor Barros Guimarães, na cidade de Glória do Goitá – PE, aos 16 anos de idade. Muito jovem, sem condições financeiras para ingressar em uma faculdade fui obrigada, momentaneamente, a parar com os estudos.

Em 2004, ganhei uma bolsa de estudos e entrei na faculdade. Optei pelo curso de Licenciatura Plena em Ciências – Habilitação em Matemática, nas Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão - FAINTVISA.

Devido à grande carência de professores nesta área de ensino, comecei a lecionar cursando ainda o terceiro período do curso, na função de estagiária. Concluí o curso no segundo semestre de 2008. Hoje sou professora efetiva do quadro de Professores da Prefeitura Municipal de Glória do Goitá – PE, e também do quadro efetivo do Colégio de Aplicação das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – FAINTVISA, trabalhando com turmas do 6º ao 9º ano e com turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, 3ª e 4ª fases. E estes dois vínculos me fazem vivenciar duas realidades totalmente distintas: o ensino na escola pública e o ensino na escola privada.

Desde o início de minha trajetória na educação, tenho observado algumas atitudes tanto minhas, quanto de alguns colegas sobre o ato de ensinar. Levantando sempre, alguns questionamentos, a respeito do ato de ensinar e sua influência na aprendizagem. Um destes questionamentos é em relação à importância que é atribuída ao livro didático, por parte dos professores de matemática. Escuto muitas vezes professores falarem que não dá tempo ver todos os conteúdos que o livro didático propõe para o ano letivo, enquanto outros conseguem

tranquilamente, não entendo o porquê que isso acontece, se o tempo pedagógico é o mesmo para todos, (200 dias letivos). Será que este fato possui relação com a importância que é atribuída ao livro didático pelos professores de matemática? Passo então a me questionar ainda mais sobre o assunto.

Porque alguns professores dão tanta importância ao livro didático, a ponto de usá-lo como uma “*bíblia*”, enquanto outros o desvalorizam, e muitas vezes deixam de utilizá-lo em sala de aula, e quando usam é só pra si, não utilizando o do aluno como apoio pedagógico? O que é, ou o que significa este instrumento pedagógico para o professor? Qual a importância atribuída ao livro didático, pelos professores e qual as influências em sua prática docente?

Aprofundando ainda mais minhas reflexões a respeito dos comportamentos dos professores de matemática em relação a este instrumento pedagógico (livro didático), me surgem outras questões ainda mais pertinentes, tais como: Quais as representações sociais do professor de matemática da escola pública em relação ao livro didático? Estas representações são as mesmas dos professores de matemática de escolas privadas? Qual a relação destas representações com o ensino e com a aprendizagem da matemática nestes dois contextos? Qual a influência direta destas representações na prática pedagógica dos professores de matemática?

É no campo da Psicologia Social que buscamos responder a estes questionamentos, a luz da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1961), reconhecida como conhecimento prático, conhecimento de senso comum, em que se forma, veicula e compartilha (pela interação e comunicação social) conceitos, imagens e representações de objetos que refletem os fatos e *refletem-se nas ações*, no âmbito de suas funções e interesses de um grupo. (RANGEL, 1994, p. 176)

Segundo Abric (2001, p. 155 - 171) na coletânea organizada por Jodelet (2001) representações sociais são o produto e o processo de uma atividade mental por intermédio da qual um indivíduo ou um grupo social reconstitui o real com o qual é confrontado e lhe atribui uma significação específica. (p. 156)

Ao tratar desses elementos, este trabalho sinaliza possíveis contribuições do estudo das representações sociais no campo educacional pelos professores de matemática sobre os livros didáticos, cujos significados intervêm no ato de ensinar e aprender, pois segundo Gilly (2001, p.321 – 341), também da coleção organizada por Jodelet (2001), a noção de representação social oferece um caminho para a explicação de mecanismos pelos quais fatores sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados. (p. 321)

Gilly (2001, p. 321), afirma ainda que o interesse essencial da noção de representação social para a compreensão dos fatos de Educação consiste no fato de que orienta a atenção para o papel de conjuntos organizados de significações sociais no processo educativo.

Ainda segundo Gilly (2001, p. 322), a área educacional aparece como um campo privilegiado para se observar como as representações sociais se constroem, evoluem e se transformam no interior de grupos sociais, e para elucidar o papel dessas construções nas relações desses grupos com o objeto de sua representação.

Para tanto se propõe aqui fazer uma pesquisa qualitativa, com professores de matemática dos sistemas público e privado de ensino, que lecionem na educação básica, com o intuito de contribuir com as pesquisas no campo educacional, mais precisamente no campo da educação matemática, identificando as representações sociais que estes professores têm de seu instrumento pedagógico, o livro didático, e estabelecer as influências destas relações com suas práticas pedagógicas, observando as implicações e conseqüências destas representações nos processos de ensino e aprendizagem desta disciplina, nestes dois contextos.

**PROBLEMA:** Repercussão do Livro Didático e suas influências no ensino/aprendizagem em matemática

**ROBLEMÁTICA:** Porque alguns professores de matemática enfatizam tanto à utilização de livros didáticos em sua prática pedagógica, enquanto outros professores de matemática os desvalorizam? Quais as representações sociais do livro didático por esses professores?

**QUESTÕES:** Quais os motivos que levam alguns professores de matemática apresentarem uma grande ênfase a valorização do Livro Didático, enquanto outros apresentam total descaso, não dando nenhuma importância a eles em sua prática docente? A prática pedagógica de professores de matemática sofre influências de suas representações sociais a respeito do livro didático? Quais as influências destas representações para o ensino da matemática? Existem diferenças e/ou convergências nas representações sociais de professores de matemática que lecionam em escolas públicas e que lecionam em escolas de rede privada? Estas diferenças e/ou convergências influenciam em práticas docentes diferenciadas do sistema público para o sistema privado?

**ESTAS PERGUNTAS DEVEM VIR RESPONDIDAS DE ACORDO COM TEUS OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

**OBJETO DE ESTUDO:** As Representações Sociais do Livro Didático de matemática por professores

## **1. OBJETIVO GERAL**

Compreender as representações sociais do livro didático por professores de matemática, suas relações e influências na prática docente, bem como as implicações destas no ensino e aprendizagem de matemática.

### **1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar as representações sociais do professor de escolas públicas, a respeito do livro didático de matemática.
- Identificar as representações sociais do professor de escolas privadas a respeito do livro didático de matemática.
- Comparar as representações sociais dos professores de escolas públicas e privadas, identificando as principais convergências e divergências, se houverem.
- Analisar as relações e influências destas representações sociais com as práticas pedagógicas desses professores no ensino e na aprendizagem de matemática, nos dois contextos.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

O termo Representação Social (RS) foi elaborado por Serge Moscovici (1961) enquanto estudava os fenômenos da Psicanálise e como estes conceitos se incorporaram no pensamento popular dos franceses, estudos estes que foram relatados e que gerou a obra *La Psicanalyse – Son image et son public*, publicada na França em 1961.

O conceito da Teoria das Representações Sociais encontra-se situado no cruzamento entre uma série de conceitos sociológicos, psicológicos e históricos, por isso que a compreensão de seu conceito não é considerada tarefa fácil.

O conceito de Representações Sociais na ótica da Psicologia Social proposta por Moscovici (1961) tem suas raízes nos estudos de Dürkheim (1898), sobre representações coletivas, porém ele indica as principais diferenças entre ambas. Enquanto Dürkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas. (MOSCOVICI, 2007, p. 15)

Santos (2005, p. 02) as representações sociais moscovicianas propõem resgatar dimensões culturais e históricas na pesquisa psicossocial, a partir da concepção do saber popular como um saber menor que não segue uma lógica formal.

Saber popular construído por sujeitos, que na Teoria das Representações Sociais é caracterizado por um sujeito ativo, que constrói sua própria realidade social e é por ela construído, ou seja, ele “remodela e categoriza as informações com outros indivíduos e, é claro, a respeito de objetos socialmente importantes para eles.” (SANTOS, 2005, p. 02)

Segundo Jodelet (2001, p. 17 - 44), da coleção organizada por Jodelet (2001), as pessoas têm necessidade de estar informados sobre o mundo que as cerca. Precisam se ajustar a ele, saber como se comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam. Este seria o motivo pelo qual as representações são criadas. (p. 17)

A partir dessas necessidades os sujeitos produzem um conhecimento social, compartilhado que pode ser observado e constatado nos discursos desses sujeitos, veiculados em mensagens e imagens.

A representação social é caracterizada como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. (JODELET, 2001, p. 22)

Em outras palavras, a Teoria das Representações Sociais ocupa-se do estudo do conhecimento produzido pelo senso comum. Conhecimento este que segundo Santos (2005, p. 04) é uma forma de conhecimento compartilhado, articulado, que se constitui em uma teoria leiga a respeito de determinados objetos sociais, logo, a Teoria das Representações Sociais é um conhecimento científico que visa compreender e explicar este tipo de conhecimento leigo.

Os objetos de estudo das Representações Sociais, por sua vez, para Jodelet (2001, p. 22) pode ser tanto uma pessoa quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc. pode ser real, imaginário ou mítico, mas é sempre necessário. Não há representação sem objeto. Porém precisam ter uma relevância cultural para determinados grupos da sociedade, e encontrar-se veiculados nas conversações e expostos em meios de comunicação.

Não se podem separar as representações da comunicação, pois, para Moscovici (2007, p. 371) uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar, sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social, quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação. O autor também afirma

que as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de comunicar o que nós já sabemos. (p. 46)

Por isso o estudo das Representações Sociais é tão importante para a compreensão da “vida social”, devido a sua preocupação com os entendimentos, percepções e atitudes de um sujeito, ou de um grupo, em relação a um objeto. Assinalando ainda que “sujeito e objeto não são, fundamentalmente distintos, o objeto inscreve-se no contexto do sujeito e é percebido como uma espécie de “prolongamento” da sua própria maneira de agir. (RANGEL, 1994, p. 178)

E essa construção da representação social do sujeito sobre o objeto, segundo Santos (2005, p. 06) se dá a partir de informações que ele recebe de e sobre o objeto. Informação estas, continua Santos, que seriam filtradas e arquivadas na memória de forma esquemática e coerente, constituindo uma matriz cognitiva do objeto que permite ao sujeito compreendê-lo e agir sobre ele.

Ou seja, para Moscovici (2007, p. 54) a finalidade de todas as Representações Sociais é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade, e assim restabelecer o sentido de estabilidade.

O que não é tarefa fácil, transformar palavras, ideias ou seres não familiares, em palavras usuais, comuns, atuais, isto é, gerar representações sociais. Para isso se faz uso de dois mecanismos de processos de pensamento: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é um processo pelo qual o sujeito insere um objeto novo em seu sistema de pensamento, e para isso estabelece uma conexão com informações já existentes, criando uma rede de significações e enquadrando-o em um contexto familiar.

Para Moscovici (2007, p. 61) ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa.

Ancorar implica em atribuir sentidos a um saber novo, e enraizá-lo no sistema de pensamento. (SANTOS, 2005, p. 10) Ou seja, quando algo novo nos é apresentado tendemos a buscar informações em protótipos preexistentes em nossa memória para classificá-lo, denominá-lo e assim incluí-lo e reproduzindo algo não-usual em nosso mundo usual.

Para Moscovici (2007, p. 66) ao nomear algo, nós nos libertamos de um anonimato perturbador para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo de fato, na matriz de identidade de nossa cultura.

O outro processo que gera as Representações Sociais é a objetivação, esta por sua vez é o mecanismo pelo qual ocorre a transformação do algo abstrato em algo concreto, onde criam-se imagens do mundo real para o conceito que está na mente, ou seja, um ente imaginário torna-

se em algo tangível. “As ideias construídas em contextos específicos são percebidas como algo palpável, concreto e exterior ao sujeito.” (SANTOS, 2005, p. 09)

Segundo Moscovici (2007, p. 71-72) a objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se verdadeira essência da realidade. Ele continua afirmando que objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Cita ainda como exemplo que é só comparar Deus com um pai e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes, como uma pessoa a quem nós podemos responder como tal.

Para isso nesta etapa da formação das Representações Sociais, o sujeito passa por três fases: a primeira diz respeito à seleção e a descontextualização da informação sobre o objeto social, a partir de critérios culturais e/ou religiosos por exemplo. No qual alguns elementos são retidos, filtrados, a partir de significados já existentes. A segunda fase diz respeito à construção do núcleo figurativo com os elementos que foram selecionados na fase anterior, onde os elementos do pensamento são integrados em um complexo de ideias. E na terceira e última fase ocorre a naturalização desses elementos tornando-os elementos da realidade.

Segundo Jodelet (2001, p. 30) a objetivação e a ancoragem explicam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício, nos planos da organização dos conteúdos, das significações e da utilidade que lhes são conferidas, estão ligadas ao processo de construção das representações.

Esta teoria tem se consolidado como conhecimento científico e contribuído para o desenvolvimento de diversas áreas, e recentemente começa a ser compreendida na educação, mais especificamente na educação matemática.

## **2. METODOLOGIA**

O interesse específico desta pesquisa é investigar *as representações sociais do Livro didático, pelos professores de matemática*, a partir das repercussões históricas de sua “implementação”, nos sistemas de ensino público e privado.

Esta pesquisa está fundamentada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1961) que se constitui em um referencial teórico-metodológico, ou seja, trata-se de uma teoria que traz em seu bojo um método. (DOTTA, 2006, p. 41)

A pesquisa que envolver representação social, estando comprometida com situações sociais naturais e inegavelmente complexas, é necessariamente uma pesquisa

qualitativa, entendendo-se por qualitativa, segundo Kirk e Miller (1986 apud Spink, 1995, p. 105) como uma tradição específica dentro das ciências sociais dependente da observação de pessoas em seus próprios espaços e da interação com estas por meio de sua própria linguagem e em seus termos.

Diante da complexidade da noção de representação social este tipo de pesquisa necessita como em qualquer outra pesquisa científica, do rigor e da objetividade do pesquisador na escolhas de seus métodos para coleta e análise dos dados, sendo a objetividade o elemento de sustentação da pesquisa científica. O primeiro deve enfatizar o discurso e a conversação entre os sujeitos pesquisados, pois o material coletado do qual se queira extrair as representações sociais deve ser produzido pelo sujeito de forma espontânea, devido ao fato que as representações sociais serem resultados dos diálogos permanentes estabelecidos entre estes indivíduos, internamente e/ou externamente ao grupo social a qual pertencem.

Diante do que foi exposto sobre os métodos de pesquisa em representações sociais, para esta pesquisa propõe-se o questionário de associação livre e a entrevista como métodos para coleta de dados, pois segundo Tompson (1992) e Burke (1977) apud Biasoli-Alves (1998, p. 144):

Entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranqüila, e em comunhão com seu entrevistador que deverá, inicialmente, transmitir atitudes que se transformem em transferência e troca mútua de confiabilidade.

Entrevista do tipo semi-estruturada por possuir questionário profundo e subjetivo, que permite os sujeitos verbalizarem seus pensamentos de acordo com suas necessidades.

Para análise de resultados propõe-se a análise de conteúdo, vista por Bardin (1988, p. 31) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, e é utilizada na maioria dos estudos em Representações Sociais.

Os processos metodológicos estão, sendo propostos, divididos nos seguintes momentos:

1. MOMENTO: Identificação e seleção dos sujeitos da pesquisa:
  - Cerca de 60 (sessenta) professores de matemática que estejam atuando na educação básica. Subdivididos em grupos: professores de matemática da rede pública que lecionam em turmas do ensino fundamental II; professores de matemática da rede pública que lecionem no Ensino Médio; professores de matemática na rede privada que lecionem no Ensino Fundamental II; professores de matemática da rede privada que lecionem no Ensino Médio.
2. MOMENTO: Aplicação do questionário de associação livre com cada um dos sujeitos a partir de expressões indutoras sobre o objeto de estudo desta pesquisa, que é o livro didático.
3. MOMENTO: Após a aplicação do questionário de associação livre, realizam-se os procedimentos de coleta de dados, a partir das entrevistas semi-estruturadas, individuais e com a utilização de um questionário pré-elaborado.
4. MOMENTO: Realização da análise dos dados a partir do método análise de conteúdo proposta por Bardin (1988)
5. MOMENTO: Conclusão da pesquisa respondendo as questões iniciais propostas, de acordo com os objetivos da pesquisa, a partir da verificação da comprovação ou não das hipóteses elaboradas.

### 3. CRONOGRAMA

	JULHO A DEZEMBRO DE 2011	FEVEREIRO DE 2012	MARÇO A MAIO DE 2012	JUNHO A SETEMBRO DE 2012	SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2012	FEVEREIRO DE 2013
CONCLUSÃO DA REVISÃO DE LITERATURA (APORTE TEÓRICO- METODOLÓGICO)	X					
EFESA DO						

PROJETO DE QUALIFICAÇÃO		X				
COLETA DE DADOS			X			
ANÁLISE DOS DADOS				X		
SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS					X	
CONCLUSÃO DA DISSERTAÇÃO					X	
DEFESA						X

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das Representações sociais. In: JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Trad. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.

ALVES, Ronaldo Cardoso. **Representações Sociais e a construção da consciência histórica**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação/USP. São Paulo. 2006.

CANTELLI, Valéria Cristina Borsato. **Um estudo psicogenético sobre as representações de escola em crianças e adolescentes**. Dissertação (Mestrado em Educação). 246f. Programa de Pós-Graduação em Educação/UNICAMP. Campinas, 2000.

CRUZ, F. M. L. e MAIA, L. de S. L. Os processos comunicativos, a formação de estereótipos e o fracasso escolar em matemática: a interpretação da teoria das representações sociais. In: FORSTER, Mari Margarete; BROILO, Cecília Luiza (org.). **Licenciaturas, escolas e conhecimento**. Araraquara, SP. Junqueira&Marin, 2008.

DOTTA, Leanete Terezinha Thomas. **Representações Sociais do ser Professor**. Campinas, SP. Editora Alínea, 2006.

GILLY, M. As Representações sociais no campo da educação. In: JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Trad. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.

GRANDIN, Luciane Aparecida. **As representações sociais no processo de formação docente em serviço: um estudo com memoriais de formação**. Dissertação (mestrado

em Educação). 125f. Programa de Pós-Graduação em Educação/UNICAMP. Campinas, 2008.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Trad. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais. Investigações em psicologia social**. (Pedrinho Guareschi, trad.). Petrópolis: Vozes, 2007.

RANGEL, Mary. **Representação e leitura crítica no mundo nos livros didáticos**. Revista Em Aberto, ano 14, nº 61, jan./mar. 1994.

SANTOS, M. F. S. e ALMEIDA, L. M. (org.). **Diálogos com a teoria das representações Sociais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE/UFAL, 2005.

SANTOS, Sandro Prado. **Um estudo das Representações Sociais sobre o trabalho docente dos licenciandos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia**. Dissertação (Mestrado em Educação). 149f. Programa de Pós-Graduação em Educação/UFU. Uberlândia. 2008.